



Diário do Alentejo

28 de dezembro às 15:00 ·

Balanço de 2018 do "Diário do Alentejo"

Natureza 2018

Mortalidade de aves por apanha noturna de azeitona causa preocupação no Alentejo

Um relatório elaborado pela Junta de Andalucía (entidade na qual se organiza politicamente o governo da comunidade aut noma) concluiu que mais de dois milhões e meio de aves morreram, em 2017/18, no decurso da apanha noturna de azeitona, em olivais superintensivos na província espanhola. Aves sedentárias, mas sobretudo aves migratórias, algumas cinegéticas, provenientes do centro e do norte da Europa, que se estabelecem na Península Ibérica durante os meses de inverno e que julgam encontrar refúgio nestas árvores plantadas em sebe.

José Bernardino, presidente da Federação Alentejana de Caçadores (FAC), considerou, ainda no decurso deste m s, que os dados veiculados por este relatório começam a prefigurar preocupa o semelhante no Alentejo. Por sua vez, o Instituto da Conserva o da Natureza e das Florestas (ICNF), que revelou conhecer a existência desta prática agrícola noturna no Alentejo e "relatos recentes de mortalidade associada   colheita de azeitona durante a noite, embora ainda não confirmados e não quantificados", entende que esta situa o, no nosso País, deverá ser avaliada no que diz respeito   sua magnitude (número de aves mortas) e às espécies que são afetadas.

Atendendo   área ocupada no Alentejo por olivais superintensivos, o ICNF julga ser necessária a urgência da averigua o. Também Nuno Sequeira, responsável no Alentejo pela Quercus - Associa o Nacional de Conserva o da Natureza, considera ser necessária a tomada de a oes imediatas relativamente   apanha noturna de azeitona, nomeadamente que a sua prática "seja suspensa de imediato". Esta será, diz, a única medida "que nos parece plausível e eficaz para travar este problema".

Uma das maiores col nias de morcegos vive em Alqueva

A monitoriza o ao abrigo artificial de morcegos de Alqueva revelou números que o elegem como sendo um dos mais importantes da Europa. A taxa de ocupa o daquela "gruta" artificial   de 6000 moradores pertencentes a quatro espécies diferentes, todas com estatuto de conserva o preocupante. Uma duplica o do número de indivíduos contabilizados, relativamente a 2017, pelo Instituto da Conserva o da Natureza e das Florestas (ICNF), no âmbito do Plano Nacional de Morcegos, com o apoio da Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas do Alqueva (EDIA). A EDIA tem em curso um projeto-piloto no combate a pragas através destes pequenos mamíferos.

Foto DR



Diário do Alentejo

7 de dezembro às 20:00

Milhões de aves mortas, na Andaluzia,
na apanha noturna de azeitona

Um relatório elaborado pelo governo autónomo andaluz concluiu que mais de dois milhões e meio de aves morreram, em 2017/18, no decurso da apanha noturna de azeitona, em olivais superintensivos na província espanhola. João Cortez de Lobão, presidente da Olivum - Associação de Olivicultores do Sul, refere que este tipo de colheita não é “prática comum” no Alentejo pelos riscos acrescidos que acarreta para “animais e pessoas”. José Bernardino, presidente da Federação Alentejana de Caçadores, considera, contudo, ser urgente a avaliação, por parte das entidades competentes, dos danos da apanha noturna de azeitona no Alentejo, “onde o olival superintensivo não para de crescer”.

Texto José Serrano

A recolha noturna de azeitona nos olivais superintensivos está a provocar, na Andaluzia, a morte de milhões de aves, de várias espécies, que escolhem estes locais para pernoitar. Aves sedentárias, mas sobretudo aves migratórias, provenientes do centro e do norte da Europa, que se estabelecem na Península Ibérica durante os meses de inverno e que julgam encontrar refúgio nestas árvores plantadas em sebe. No entanto muitas delas acabam por ser “engolidas” pelas máquinas de colheita equipadas com potentes focos de luz, impossibilitadas de fugir pelo encadeamento a que são sujeitas. Esta é a conclusão de um relatório elaborado, em 2018, pela Consejería de Medio Ambiente y Ordenación del Territorio (Cmaot) da Junta de Andalucía (entidade na qual se organiza politicamente o governo da comunidade autónoma), que atestou a veracidade das denúncias de “várias fontes simultâneas”: Ecologistas en Acción, delegações territoriais da Cmaot e Serviço de Proteção da Natureza da Guarda Civil Espanhola.

O documento, citado na passada semana por vários meios de comunicação social e por associações ambientalistas de Espanha, estima que a colheita noturna da campanha olivícola do ano passado terá provocado a morte, nos olivais superintensivos da Andaluzia, a cerca de 100 aves por hectare, uma “taxa insustentável em termos ambientais”, refere o relatório.

As estimativas “mais conservadoras” apontam para uma mortandade, na Andaluzia, “sobretudo nas províncias de Sevilha, Córdoba e Jaen”, de cerca de dois milhões e 600 mil aves, por cada campanha olivícola, tendo em consideração a extensão de olival superintensivo, na região espanhola, e as rotas das aves migratórias.

Mas o problema, segundo o relatório, “transcende a vertente ambiental” uma vez que, de acordo com a Guarda Civil Espanhola, grande parte dessas aves é vendida a estabelecimentos de restauração que os servirá como “passarinhos fritos”.

Na presença destes dados, o governo da comunidade autónoma constata que este “é um problema real, atual e de graves repercussões ambientais que transcende os limites geográficos andaluzes afetando valores ambientais de vários países da União Europeia”. O relatório sugere ainda, como “melhor opção para por fim ao problema”, a proibição da colheita noturna de azeitona. João Cortez de Lobão, um dos maiores produtores de azeite em Portugal, considera que a apanha noturna de azeitona, no Alentejo, pelo que tem conhecimento, não é “prática comum”.

Para o presidente da Olivum – Associação de Olivicultores do Sul e sócio-gerente da herdade de Maria da Guarda, casa agrícola situada em Serpa com uma área de 800 hectares de olival superintensivo a que correspondem mais de um milhão e trezentas mil oliveiras plantadas (1666 por hectare), a colheita noturna acarreta perigos, para além dos inerentes aos animais, para os trabalhadores agrícolas: “Não fazemos, na herdade, apanha à noite porque existem riscos para as pessoas, que se podem encadear com os faróis das máquinas pesadas. Se calhar este cuidado é uma tradição muito portuguesa, uma preocupação em evitar acidentes, que são aqui, estatisticamente, muito menos do que em Espanha”.

João Cortez de Lobão acrescenta, contudo, a necessidade de “não sermos complacentes e estarmos atentos” para que se evitem quaisquer erros que possam “perdurar por gerações”.

Assim, a Olivum tem comunicado, declara o seu presidente, “a vários novos investidores” o cuidado que é necessário ter “para respeitar” o Alentejo: “Não se podem esquecer que estão numa zona com muitos séculos de história e que essa história, constituída pela biodiversidade, pela cultura, pelos monumentos, não pode ser estragada. Nós, que ‘estamos cá’ há muitas centenas de anos, ficamos tristíssimos quando chegam pessoas que pouco têm a ver com a região e que, enfim, têm o direito de fazer os seus investimento e as suas estratégias económicas mas são menos sensíveis, menos respeitadoras da história do Alentejo”, expõe.

Relativamente ao relatório elaborado pela Junta de Andalucía, João Cortez de Lobão diz ter “a consciência” que do lado de lá da fronteira a apanha noturna “é uma tradição” e que a Olivum poderá considerar divulgar o estudo aos seus associados, como “alerta”, para as consequências da prática. E termina sublinhando a disponibilidade para trabalhar “com o Governo ou com as juntas locais no sentido de pressionar os governos vizinhos a terem atenção” ao que se está a passar. “Porque nós alentejanos, nós portugueses, seremos evidentemente prejudicados se do lado espanhol forem dizimando espécies de aves, tais como os tordos, que constituem uma caça muito valorizada em Portugal”.

José Bernardino, presidente da Federação Alentejana de Caçadores (FAC), considera que os dados veiculados por este relatório governamental andaluz começam a prefigurar preocupação semelhante no Alentejo: “Existe no seio da direção da FAC alguma informação relacionada com este tema, ainda que escassa e pouco precisa, de dimensão desconhecida, no patamar do ‘diz-se que...’. Suficiente para alerta, mas ainda pouco para ser consequente. Em qualquer caso, é provável que o problema exista aqui também, ainda que a sua dimensão não seja clara”.

Por essa razão, o presidente da FAC manifesta urgência, “pois estamos em pleno período de laboração nos olivais” na avaliação dos danos da apanha noturna de azeitona no Alentejo, “onde o olival superintensivo não para de crescer” e nas conseqüentes, se necessárias, “medidas a implementar, para pôr fim ao problema”. Esta deverá ser “uma obrigação”, diz José Bernardino, da parte das entidades competentes, nomeadamente o Serviço de Proteção da Natureza e do Ambiente da GNR, o Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), o Ministério da Agricultura e o Ministério do Ambiente. Ainda que o problema envolva diferentes espécies de tordos e, a prazo, os efeitos se possam vir “inevitavelmente a repercutir sobre a atividade cinegética”, a “questão aqui em causa vai muito para lá da caça. Diz respeito à biodiversidade e à natureza que queremos e devemos ter. Sermos puros espectadores dum eventual risco de extinção de espécies que, mesmo sem olivais superintensivos, já foram conduzidas à condição de seriamente ameaçadas, não pode estar nem nos nossos horizontes nem de quem dirige os destinos do País. É sobretudo a estas entidades, já antes referidas, que o problema se coloca. Cabe-nos a todos, para já, estarmos atentos e sermos exigentes”, conclui José Bernardino. O “Diário do Alentejo” colocou (na sexta-feira, às 16:00 horas) algumas questões ao Departamento de Conservação da Natureza e Florestas do Alentejo (serviço territorialmente desconcentrado do ICNF). Até à hora do fecho desta edição do jornal, não obtivemos qualquer resposta.

As espécies

mais afetadas

As principais espécies de aves mortas, referidas no relatório elaborado pela Junta de Andalucía, são: toutinegra-de-cabeça-preta (*Sylvia melanocephala*), felosa-das-figueiras (*Sylvia borin*), toutinegra (*Sylvia atricapilla*), tordoveia (*Turdus viscivorus*), tordo comum (*Turdus philomelos*) e tordo-ruivo (*Turdus iliacus*), pisco-de-peito-ruivo (*Erithacus rubecula*), verdilhão (*Carduelis chloris*), felosa-ibérica (*Phylloscopus ibericus*), felosa-comum (*Phylloscopus collybita*), felosa-musical (*Phylloscopus trochillus*) e felosa-de-bonelli (*Phylloscopus bonelli*), pintassilgo (*Carduelis carduelis*), pintarroxo (*Carduelis cannabina*), alvéola-branca (*Motacilla alba*), alvéola-cinzenta (*Motacilla cinerea*) e alvéola-amarela (*Motacilla flava*).

Foto DR